

0 Ovenist

A história de um caminhante da Birmânia

Capitão Cornelis Stolp

“Para que não esqueçamos”

Autor: Capitão Cornelis Stolp
Design da capa: baseado numa ideia de Cees Stolp
ISBN: 9789403930671
© Capitão Cornelis Stolp



Nada desta publicação pode ser publicado ou reproduzido de qualquer forma sem a autorização prévia do editor.

Esta edição internacional de O Forno foi traduzida com o auxílio de ferramentas de tradução digital. Apesar do cuidado em preservar o tom, a tensão e a intenção da obra original, podem subsistir pequenas imperfeições na linguagem. O autor e o editor não se responsabilizam por quaisquer erros ou inconsistências linguísticas.

2.^a edição

“O perdão é um presente que
você dá a si mesmo.”

Desmond Tutu

Prefácio

Desde criança que sonhava com a Austrália. Não sei exatamente de onde vinha esse desejo. Talvez porque o irmão do meu pai, o tio Teun, tivesse emigrado para lá com a família nos anos cinquenta, uma decisão que, enquanto rapazinho, considerava verdadeiramente heroica. «Um dia também farei isso», disse certa vez à minha mãe. Ela sorriu, mas o seu olhar denunciava outra coisa. A minha mãe não era severa, mas gostava de manter o controlo sobre o seu mundo e, portanto, também sobre mim. «Faz isso quando eu já cá não estiver», dizia, fingindo leveza. Mas por detrás daquela brincadeira havia sempre uma nota de seriedade. Os anos passaram. Tinha quarenta e sete anos quando me casei pela segunda vez. Num café conheci Joop, um amsterdams encantador e algo obstinado, com um brilho nos olhos e um passado que parecia maior do que a própria vida. Antigo lapidador de diamantes, procurara a felicidade, depois da guerra, do outro lado do mundo: na Austrália. Naquela noite conversámos como se nos conhecêssemos há anos. Quando nos despedimos, disse-me: «Whenever you are in Australia, please be my guest.»

Aquela frase ficou-me na memória. E assim, a nossa lua de mel levou-nos até Down Under, uma terra que parecia simultaneamente imensa e íntima. Na costa, em casa de Joop, em Tweed Heads, vi-me rodeado pelo aroma dos eucaliptos e pelo murmúrio do oceano. Era como se tivesse reencontrado uma parte de mim que nunca antes conhecera. Numa noite, entre o vinho e o silêncio, Joop perguntou: «Porque não vens viver para aqui definitivamente? A minha casa é demasiado grande para um homem só.»

Um convite dito quase por acaso, que viria a mudar a minha vida. A minha mãe, já com oitenta e quatro anos, não ficou contente. Jogou com mestria a carta da saudade. «Não posso passar sem ti», disse. Mas quando lhe recordei que, havia vinte e cinco anos, passava três meses de cada inverno em Benidorm — vinte e cinco

vezes três meses, setenta e cinco meses, mais de seis anos — ficou por momentos em silêncio.

Depois sorriu e disse: «Vai, meu filho. Mas volta de vez em quando.»

E eu fui. Vendi tudo. Fechei as malas. Rumo a Joop, rumo ao desconhecido. Partilhávamos uma casa e, com o tempo, chegaram também as histórias. Numa noite, Joop falou-me da sua juventude e dos anos cruéis que passara num campo de prisioneiros japonês na Birmânia. As suas palavras eram duras, por vezes quase inacreditáveis. E, contudo, falava com uma certa leveza, como se procurasse transformar o próprio passado num emocionante livro de aventuras para rapazes, para o tornar suportável. Aquelas histórias ficaram comigo. Nunca mais me largaram. De vez em quando, escrevia um fragmento da história de Joop, sem saber onde começar nem onde terminar. Agora, vinte e cinco anos mais tarde, senti necessidade de os reunir e passar para o papel. Não para ser escritor, mas para dar uma forma concreta ao que ele viveu: à sua dor, à sua capacidade de resistência e à raiva silenciosa que por vezes alimentava em relação ao passado.

É a minha tentativa de registar aquilo que um ser humano consegue suportar e, apesar de tudo, continuar de pé. Foi assim que nasceu este pequeno livro: da memória, da admiração e da consciência de que algumas vidas merecem não ser esquecidas. Esta história foi escrita inteiramente pela minha mão e pelo meu coração. Na fase final, recorri a ferramentas modernas exclusivamente como apoio à linguagem, ao ritmo e à legibilidade. Esta é a história de Joop.

Mas talvez seja também, de certa forma, a minha.

Cees Stolp

(As reações dos leitores à primeira edição levaram-me a incluir, no final deste livro, um posfácio pessoal. Nele conto um pouco sobre a origem desta história, as perguntas que os leitores me fizeram e as recordações que nem sempre encontraram lugar no próprio livro.)

Introdução

Nas sombrias Índias Orientais Neerlandesas da Segunda Guerra Mundial, Joop e Hanneke foram separados pela mão cruel do destino. Os japoneses, que invadiram o território, deportaram Joop para um dos seus famigerados campos, nas profundezas da selva birmanesa.

Hanneke, procurando desesperadamente uma forma de reencontrar o seu amado, foi obrigada a esconder-se.

Passaram-se anos. A guerra terminou... e a libertação trouxe consigo tanto esperança como dor. Joop, destroçado pelas privações sofridas nos campos, procurava um novo começo, mas a saúde de ambos deixava muito a desejar.

Joop e Hanneke não estavam propriamente curados; eram apenas mantidos de pé. Os seus corpos ainda carregavam a guerra como uma segunda pele: magros, frágeis, sem fôlego ao menor esforço. Aquilo por que tinham passado instalara-se nos ossos, nos pulmões e nas recordações. Trabalhar era impossível, caminhar quase também. Naquele momento, viver significava sobretudo resistir. Talvez um sanatório na Suíça pudesse proporcionar alguma melhoria.

Davos não oferecia a cura, apenas adiava o colapso. O sanatório situava-se no alto das montanhas suíças, onde o ar era rarefeito e o silêncio, por vezes, pesava mais do que o ruído. Ali, a esperança era administrada através de horários, períodos de repouso e algo que parecia quase alquímico: injeções de ouro. Agulhas finas introduziam uma promessa no corpo; não um remédio milagroso, mas uma última tentativa de inverter o declínio. O ouro aquecia não só as veias, mas também a ideia de que a recuperação talvez ainda fosse possível.

Num pequeno boletim do hospital, leram uma notícia que voltaria a mudar o rumo das suas vidas. Austrália. Um país à procura de trabalhadores, disposto a oferecer às vítimas da guerra a oportunidade de construir uma nova existência. Por dez libras, pouco mais do que um valor simbólico, era possível fazer a

travessia. Prometiam-lhes trabalho, sol, espaço e distância de tudo o que fora destruído.

A reconstrução dos Países Baixos após a devastadora Segunda Guerra Mundial decorreu com dificuldade e levou muitos anos. O país estava profundamente marcado pela ocupação, pelos bombardeamentos e pelos combates. As cidades encontravam-se em ruínas, as infraestruturas estavam destruídas e inúmeras famílias carregavam a perda de entes queridos. Embora o governo tivesse iniciado a reconstrução com determinação, as cicatrizes da guerra permaneceram visíveis durante muito tempo na vida quotidiana.

Além dos danos físicos, os Países Baixos enfrentavam uma escassez persistente. Alimentos, vestuário e bens de uso diário continuaram sujeitos a racionamento durante anos. A vida era marcada pela austeridade e pela poupança. As pessoas aprenderam a improvisar, reutilizar e partilhar para manter as famílias de pé. A prosperidade era uma promessa para mais tarde; sobreviver tinha prioridade. Os problemas foram ainda agravados por uma grave falta de habitação. Muitas casas tinham sido destruídas e a construção de novas habitações mal conseguia acompanhar o rápido crescimento da população. Os Países Baixos atingiram os dez milhões de habitantes e o milhão seguinte já se anunciava. Comparado com outros países da Europa Ocidental, o território tornava-se cada vez mais sobrelotado. Para muitos, o futuro parecia sufocante e incerto.

Perante este cenário, não surpreende que a emigração fosse amplamente discutida e ponderada. Sobretudo as famílias numerosas, os desempregados e os agricultores viam poucas perspectivas nos sobrelotados Países Baixos. Emigrar era encarado como uma oportunidade de encontrar espaço, trabalho e segurança, uma possibilidade de recomeçar.

Também o governo neerlandês reconheceu a gravidade da situação.

Para muitos, não passou de uma hipótese.

Para alguns, tornou-se realidade.

E, para Joop e Hanneke, não era uma política nem uma estatística, mas a última oportunidade de voltar a respirar.

Partida do sanatório

Não foi um plano, mas um reflexo. Um salto em frente, porque regressar era impossível. Os médicos avisaram-nos. Os seus corpos não estavam preparados. A viagem seria difícil e a incerteza enorme. Mas Joop e Hanneke tinham aprendido que esperar podia ser mais perigoso do que agir. Quem permanecesse deitado demasiado tempo acabaria por ser alcançado pelo passado.

Partiram contra todo o bom senso.

Com uma perspetiva cheia de esperança e o apoio do governo, poderiam construir uma nova vida na distante Austrália. Ainda assim, partiram em direção às planícies ensolaradas do Outback com uma mistura de esperança e ressentimento.

O que se seguiu não foi uma viagem triunfal, mas uma provação. As montanhas suíças não se revelaram um cenário, mas um adversário. Por pouco não caíram nas mãos de traficantes de seres humanos que pretendiam lucrar com aqueles que viajavam para a Austrália.

Depois de uma aventura emocionante, chegaram finalmente ao seu destino: a Austrália. Tentaram construir uma vida normal com o trabalho e a habitação que lhes tinham sido oferecidos, mas as recordações dos anos de guerra passados no cativeiro japonês tornaram-se cada vez mais intensas. Procuraram então refúgio na rude cidade de Coober Pedy, onde abriram uma pequena empresa de reparações e trabalhos em metal. Na alma de Joop ardia uma vingança latente, um fogo que parecia elevar-se cada vez mais quando, à noite, contemplava as estrelas sobre o deserto.

Uma noite, enquanto estavam sentados na sua habitação improvisada nas colinas de Coober Pedy, Joop teve uma ideia estranha. Não continuaria a ser um simples faz-tudo. Construiu a

sua própria forja no deserto, onde transformava o metal em formas afiadas e mortíferas. Em pouco tempo, ampliou o barracão com um grande forno, uma câmara de fogo. Hanneke viu a escuridão nos seus olhos e percebeu que ele planeava algo terrível.

Joop começou secretamente a perseguir japoneses que tinham vindo para a Austrália depois da guerra, em busca de uma nova vida. Sob a aparência de «acidentes» no remoto Outback, foram desaparecendo um a um. A polícia da Austrália Meridional começou a murmurar sobre um fantasma da guerra, uma sombra que atacava à noite com uma lâmina incandescente saída do forno. Hanneke tentou impedir Joop, mas ele estava obcecado. «Isto é pelo que nos fizemos», sibilou, enquanto afiava as armas ao clarão da forja. A sede de vingança apoderara-se completamente dele. Numa noite em que a lua pairava baixa sobre as colinas, Joop saiu à caça do último japonês da região, um homem que se gabava dos seus atos nos campos.

Num confronto de cortar a respiração, entre as sombras de um poço de mina abandonado, Joop encontrou a sua presa. A luta foi curta, mas violenta. Quando regressou à habitação subterrânea, Hanneke esperava-o com lágrimas nos olhos. «Chega», suplicou. Mas Joop já tinha ido longe demais. Desapareceu na noite, rumo ao Outback, onde o vento abafou o seu grito de vingança.

Na manhã seguinte, Joop tinha desaparecido. Hanneke procurou-o durante dias no deserto, mas encontrou apenas um bilhete na forja: «O fogo purificará os culpados.» A perseverança de Hanneke foi recompensada quando encontrou Joop, reduzido a pele e osso, entre carcaças de animais comestíveis. Para ele, foi decisiva a vontade de continuar a viver pela sua Hanneke.

Joop deixou cair as armas e retribuiu o abraço de Hanneke. «Por ti», sussurrou. «Por nós.» Juntos decidiram deixar para trás as recordações da guerra e construir uma nova vida no Outback, onde o sol faria resplandecer o seu amor.

Há quem diga que, nas noites escaldantes de Coober Pedy, o espírito de Joop ainda vagueia: um forneiro movido pela vingança,

caçando as sombras do passado. E, no entanto, Joop e Hanneke continuavam a caminhar de mãos dadas pelo deserto, com o seu amor mais forte do que nunca, purificado pela prova de fogo do passado.

Mas sobre a descoberta de uma grande opala pairava tudo menos paz.

Amesterdão entre 1920 e 1940: uma cidade entre a euforia, a pobreza e a ameaça

Uma cidade que desperta da guerra (1918–1923)

Quando a Primeira Guerra Mundial terminou, em 1918, os Países Baixos tinham permanecido neutros, mas Amesterdão sentira profundamente as suas consequências. A escassez de alimentos, as greves, os motins e a pobreza tinham deixado marcas profundas. Ainda assim, logo após a guerra, pairava nas ruas um alívio quase sufocante, como se a cidade voltasse a ter coragem para se reinventar.

O habitante de Amesterdão dos anos vinte vivia num mundo que começava, cautelosamente, a modernizar-se. Novos cinemas abriam as portas, as redes de elétricos expandiam-se e os primeiros automóveis percorriam ruidosamente as ruas estreitas, como estranhas criaturas metálicas. Era uma época em que as pessoas ansiavam por diversão e leveza. Cabarés, salões de dança e teatros como o Carré e o Rembrandttheater viviam os seus anos dourados. Ao mesmo tempo, Amesterdão continuava a ser, muito claramente, uma cidade de grandes contrastes sociais. A classe operária vivia amontoadada em pequenos apartamentos nos andares superiores das casas da Jordaan, da Staatsliedenbuurt ou das Oostelijke Eilanden. A classe média ocupava os bairros em redor da Ferdinand Bolstraat, da Haarlemmerdijk e da Rivierenbuurt. E aqueles que possuíam dinheiro — negociantes de diamantes, empresários abastados e comerciantes bem-sucedidos — residiam em edifícios imponentes na Apollolaan ou junto ao Museumplein. A cidade crescia a uma velocidade impressionante e, com esse crescimento, surgia também uma nova energia.

Os loucos anos vinte à maneira de Amesterdão

A década de vinte ficou internacionalmente conhecida como os “loucos anos vinte”: jazz, charleston e prosperidade económica. Amesterdão conheceu a sua própria versão, embora mais modesta. No clube noturno De Kring, a elite cultural dançava ao som da nova

música americana, enquanto, nos bairros populares, inúmeros cafés cheios de fumo, música de acordeão e histórias extraordinárias marcavam o ritmo da vida. Para muitos jovens, aquela época parecia leve e livre. Surgiam mais oportunidades de trabalho, as mulheres conquistavam pouco a pouco maior liberdade e o cinema transformava-se no novo entretenimento popular. O Teatro Tuschinski, inaugurado em 1921, tornou-se a catedral desta nova era: cintilante, exótico e fantasioso, um lugar onde o cidadão comum de Amesterdão podia sentir-se, por alguns instantes, um cidadão do mundo. Contudo, nem tudo era festa. A pobreza persistia. Muitas famílias operárias viviam com dez ou mais pessoas em pequenas casas húmidas, onde a iluminação a gás mal conseguia dissipar as sombras. As autoridades municipais debatiam-se com a falta de habitação, as más condições sanitárias e doenças como a tuberculose. Mas a construção de novos bairros — as cidades-jardim do norte, a Indische Buurt e, mais tarde, a Rivierenbuurt — oferecia um vislumbre de um futuro melhor.

O golpe da crise (1930–1935)

A crise económica mundial de 1929 chegou a Amesterdão no início da década de trinta, com uma lentidão implacável. As fábricas fecharam, a atividade marítima diminuiu e a indústria dos diamantes, durante séculos o orgulho da cidade, entrou praticamente em colapso. Cerca de 70% dos trabalhadores do setor dos diamantes perderam o emprego. Foi um golpe que atingiu com especial dureza a comunidade judaica, fortemente representada nessa indústria. O desemprego passou a fazer parte da própria paisagem urbana. Longas filas junto dos serviços de emprego, homens de boné e mãos atrás das costas que se arrastavam pelo Entrepotdok, pela Plantage ou pela Dapperbuurt, à procura de algo que se parecesse com trabalho. Os bairros pobres mergulharam ainda mais na miséria. Os subsídios sociais demoravam a chegar e eram acompanhados por controlos humilhantes. Nos bairros populares ouvia-se cada vez mais a frustração, embora as pessoas

continuassem a apoiar-se mutuamente através do humor, da solidariedade e da música. A cidade tornou-se mais sombria. Havia menos luxo nas montras, os cafés ficaram mais sossegados e o tom dos jornais tornou-se mais inquietante. Ainda assim, os habitantes de Amesterdão continuavam a ser otimistas resistentes. «Tudo acabará por melhorar», ouvia-se com frequência, embora a frase fosse pronunciada cada vez mais vezes com um suspiro.

Bairros repletos de vida e cultura

Apesar dos tempos difíceis, os bairros continuavam a fervilhar de vida. Amesterdão era um mosaico de bairros inconfundíveis, quase semelhantes a pequenas aldeias.

A Jordaan

Repleta de música de acordeão, tabernas, vendedores de rua, pobreza e calor humano. Um bairro onde todos se conheciam e onde, durante o verão, os passeios se transformavam numa extensão das salas de estar.

O bairro judeu em redor de Waterlooplein e Rapenburg

Um bairro animado e densamente povoado, cheio de comerciantes, lapidadores de diamantes, mercadores, sinagogas e crianças que corriam pelas ruelas estreitas. Gritos em iídiche, o calão neerlandês das ruas e as orações em hebraico misturavam-se, criando uma atmosfera urbana única.

A Zeedijk e as ruas circundantes

Rudes, coloridas e internacionais. Repletas de cafés de marinheiros, antros de ópio, homens do mar e mulheres de costumes ligeiros, mas também de música e histórias.

Nieuw-Zuid e a Apollobuurt

Elegantes, novos e espaçosos. O lugar onde a arquitetura e a modernidade se encontravam, um mundo muito distante da falta de espaço existente noutras zonas da cidade.

Esta diversidade fazia de Amesterdão uma cidade onde os extremos coexistiam: grandiosa e modesta, rica e pobre, devota e rebelde.

O crescimento da ameaça (1935–1940)

A partir de meados da década de trinta, o ambiente na Europa começou a mudar. Nos cafés falava-se cada vez mais sobre a Alemanha, Hitler, as medidas contra os judeus e o rearmamento. Em Amesterdão, muitas pessoas sentiam uma inquietação crescente, mas agarravam-se à ideia de que os Países Baixos continuariam neutros, tal como durante a guerra anterior. No entanto, as mudanças já se faziam sentir: refugiados judeus chegavam da Alemanha.

Pálidos, exaustos e, muitas vezes, sem nada. Chegavam a uma cidade que os acolhia, mas que também lutava contra a pobreza. O NSB tornava-se cada vez mais visível, sobretudo nos bairros com elevados níveis de desemprego.

Grupos em marcha, panfletos e confrontos tensos nas praças. A Câmara Municipal investia em campos de futebol, programas para jovens e grandes projetos de criação de emprego, em parte para combater a radicalização.

Mas, acima de tudo, pairava sobre a cidade um véu de nervosismo. Nem sempre era possível vê-lo nas ruas, mas sentia-se nas conversas... era como se alguma coisa se aproximasse.

Quando a guerra eclodiu na Europa, em setembro de 1939, os Países Baixos mantiveram oficialmente a sua neutralidade.

Amesterdão, porém, tornou-se mais silenciosa e cautelosa. À noite, a cidade ficava às escuras. Foram construídos abrigos antiaéreos.

Os jornais enchiam-se de notícias sobre a guerra. Muitos habitantes de Amesterdão andavam com um nó no estômago.

E, apesar de tudo, a vida continuava. Os elétricos tocavam as campainhas. Os mercados permaneciam abertos. Na Praça Dam, os pombos apareciam nas fotografias dos casais apaixonados. As pessoas riam, casavam, trabalhavam e faziam planos para o futuro. Até àquela manhã de maio de 1940, quando o som dos aviões alemães acordou a cidade como um grito e obrigou Amesterdão a seguir, para sempre, um rumo diferente.

Amesterdão, 1925

O aroma do café acabado de moer e o som distante de um saxofone enchiam as ruas estreitas do bairro dos diamantes. Joop Poot caminhava à beira da água com o seu amigo Ben Cohen, enquanto as suas sombras se alongavam à luz do entardecer. Tinham acabado de ensaiar com o pequeno grupo de jazz e os dedos de Joop ainda formigavam por causa das últimas notas que tocara. O saxofone parecia uma extensão do seu próprio corpo, como se a música fosse a sua verdadeira língua.

Joop tocava com Ben num pequeno grupo de jazz. Tinha um talento natural para o saxofone. Por causa da sua aparência, muitas pessoas julgavam que Joop era de origem judaica. Ele e Ben eram amigos havia muitos anos. O pai de Ben era negociante de diamantes em Amesterdão.

Provavelmente foi graças a essa amizade que Joop pôde formar-se como lapidador de diamantes e conseguiu emprego na empresa do pai de Ben. Em determinada ocasião, Joop terá tido alguma ligação ao Koh-i-Noor, ou Kohinoor, um diamante de 109 quilates proveniente da Índia... Sobre o que acontecera exatamente, preferia manter-se em silêncio.

Dentro da própria família, Joop sempre sentira que era diferente dos seus dois irmãos e da irmã. Descobriu que esse pressentimento não o enganava quando foi convocado para a inspeção do serviço militar. Nessa altura soube que o seu verdadeiro apelido não era Poot, mas Zimmermann. A mãe nunca lhe falara sobre isso.

Durante a Primeira Guerra Mundial, tivera uma relação com um soldado alemão. Depois de este morrer em circunstâncias inexplicáveis, ela regressara aos Países Baixos, onde se casara com Herman Jan Poot, com quem teve mais três filhos.

Joop ficou profundamente abalado por a mãe lhe ter ocultado a verdade e por ter sido obrigado a descobri-la daquela maneira.

Mais tarde, mandou retirar um dos dois “n” do seu apelido.

No exército, Joop recebeu uma formação rigorosa no Corpo de Fuzileiros Navais. O seu irmão Chris já servia nas Índias Orientais,

na Indonésia, como maestro da banda militar. Vivia em Java e era casado com uma bela mulher indonésia.

Precisamente quando Joop foi chamado para partir com a Marinha para as Índias Ocidentais, recebeu um telegrama do irmão Chris, perguntando-lhe se poderia ir para a Indonésia. O pai da sua mulher tinha falecido e deixara uma loja de bicicletas e uma joalheria. Chris podia vender a loja de bicicletas, mas, como Joop tinha experiência com pedras preciosas, a joalheria poderia representar para ele um excelente começo.

O pedido de Joop ao comando militar para trocar a missão nas Índias Ocidentais por uma colocação nas Índias Orientais foi aceite. Assim, Joop partiu para o acampamento militar neerlandês em Java.

Devido aos seus deveres e atividades militares, Joop não podia dirigir a joalheria a tempo inteiro. Entretanto, iniciou uma relação com uma jovem de Haia que trabalhava numa pequena loja de tintas e papel de parede pertencente a uma tia. Hanneke era uma holandesa extraordinariamente encantadora, que se destacava entre as belas e frágeis mulheres locais. Joop conseguiu convencê-la a dirigir a joalheria, permitindo-lhe cumprir as suas obrigações militares.

Joop conquistara o respeito do comando pela dedicação demonstrada como atirador a bordo de um Catalina, um avião que podia ser utilizado para diferentes missões. Estes aparelhos, também conhecidos por Cats, eram usados em voos de reconhecimento e proteção de comboios, no salvamento de náufragos e no transporte de militares, das suas famílias e de mercadorias.

Como verdadeiro amsterdamês, Joop tornara-se popular entre as mulheres dos seus superiores, oferecendo-lhes ocasionalmente alguma joia brilhante da loja. Joop casou-se com Hanneke e o casal foi viver na casa situada por cima da joalheria.

Índias Orientais Neerlandesas

Uma colônia em aparente tranquilidade

Em 1935, as Índias Orientais Neerlandesas ainda eram uma colônia rigidamente organizada.

Batávia, Surabaia e Bandung prosperavam graças ao café, ao açúcar, à borracha, ao petróleo e ao estanho. Para os europeus, a vida era confortável: clubes, plantações e associações privadas.

Para a população indonésia, a realidade era diferente: pouca influência política, salários baixos e uma hierarquia rigorosa.

O movimento nacionalista, porém, continuava a crescer. Figuras como Soekarno eram atentamente vigiadas. A administração colonial subestimava a profundidade do desejo de independência.

A ameaça não vinha apenas do interior. O Japão observava o Sudeste Asiático com avidez.

Ocupação japonesa

Em março de 1942, o KNIL capitulou. O Japão ocupou rapidamente todo o arquipélago.

Para os neerlandeses e os indo-europeus, seguiu-se o internamento: campos, fome e trabalhos forçados.

Para muitos indonésios, o Japão pareceu inicialmente um libertador — *a Ásia para os asiáticos* —, mas em pouco tempo ficou claro que se tratava de uma ocupação extremamente cruel.

A infame linha ferroviária da Birmânia custou dezenas de milhares de vidas. Também nas próprias Índias Orientais morreram inúmeras pessoas devido ao trabalho forçado dos *romusha*, à fome e à violência.

O Japão armou e treinou jovens indonésios. Sem intenção, lançou assim as sementes de um exército de independência.

Liberdade e caos — Bersiap

Bersiap significa «estejam preparados» e designa um período violento nas antigas Índias Orientais Neerlandesas, no início da luta pela independência da Indonésia, imediatamente após a ocupação japonesa.

Estejam preparados

Em 17 de agosto de 1945, Soekarno proclamou a independência.

Mas a liberdade não chegou de forma ordeira.

O Bersiap irrompeu: jovens revolucionários voltaram-se contra tudo o que aparentava ser colonial — neerlandeses, indo-europeus e chineses.

Assassínios, pilhagens e medo.

Para muitos, foi uma desintegração completa: o mundo anterior à guerra deixara de existir.

As ações policiais

Os Países Baixos tentaram recuperar a colônia por meio de duas campanhas militares, eufemisticamente denominadas “ações policiais”.

A crítica internacional aumentou. Os Estados Unidos e as Nações Unidas exerceram pressão.

A autoridade moral desaparecera. O império estava demasiado cansado, demasiado pobre e chegara demasiado tarde.

O fim de uma era

Em 1949, os Países Baixos reconheceram a independência da Indonésia.

Em 1950, as Índias Orientais Neerlandesas deixaram definitivamente de existir.

Centenas de milhares de pessoas partiram para os Países Baixos, para a Austrália ou para outros lugares.

Levaram consigo recordações do sol tropical, da guerra, da perda, da lealdade e das promessas desfeitas.

O período entre 1935 e 1950 marcou a transformação de uma colônia confiante numa nação independente, através da guerra, da ocupação, da violência e da despedida.

Surabaia, 1942–1945

Ocupação japonesa

Em 1942, Surabaia caiu nas mãos dos japoneses sem uma luta prolongada. A bandeira neerlandesa foi arriada. O mundo virou-se do avesso.

Nos *kampongs*, as pessoas dormiam com um olho aberto.

Demasiadas bocas, pouco espaço. Os rapazes já não sonhavam em servir, mas em libertar-se. Falavam em voz baixa, porque as palavras podiam ser perigosas. A liberdade ainda não tinha uma forma definida; era apenas uma sombra. À medida que a guerra se aproximava, o ar mudou. Não ficou mais quente, mas mais pesado. Apareceram soldados, os portões do porto passaram a fechar mais cedo e os navios permaneciam imobilizados durante mais tempo. O mar já não trazia tranquilidade, apenas rumores. Depois, em 1942, chegou o silêncio. O silêncio de uma bandeira a ser arriada.

Os japoneses tomaram a cidade sem grande cerimónia. O poder mudou de mãos, mas não de expressão: continuava a ser cruel. As mulheres aprenderam a calar-se. As crianças aprenderam a reconhecer a fome pelo som do próprio estômago. A cidade encolheu. Aquilo que antes era comércio transformou-se em sobrevivência. Os homens europeus desapareceram nos campos de internamento. Mulheres e crianças viviam dominadas pelo medo e pela fome e também aprenderam a reconhecer a fome pelo som do próprio estômago.

Os indonésios eram recrutados para trabalhos forçados, como *romusha*. A humilhação pública, a escassez e a violência tornaram-se parte da vida quotidiana.

A cidade empobreceu rapidamente. Onde antes florescia o comércio, reinava agora o silêncio. Os edifícios degradavam-se, os alimentos escasseavam e a confiança desaparecia. Contudo, a propaganda japonesa alimentava involuntariamente a ideia de uma Indonésia independente.

Surabaia tornou-se cinzenta. Não por causa do fumo, mas do medo. Os edifícios continuavam de pé, mas pareciam olhar de maneira

diferente. Os olhos que espreitavam das janelas já não ousavam demorar-se. Homens eram levados para trabalhos sem salário e, muitas vezes, sem regresso. A morte tornou-se administrativa. E, no entanto, precisamente ali, durante aqueles anos de humilhação, alguma coisa começou a crescer. Ainda não era esperança, mas antes uma obstinação. Uma recusa em permanecer eternamente subjogado. O ocupante falava de fraternidade asiática, mas deixou outra coisa para trás: a consciência de que a dominação nunca deve ser considerada natural.

O ano de 1945 não chegou como uma libertação, mas como uma linha de rutura. Os japoneses desapareceram, deixando um vazio mais cruel do que a sua própria presença. Os jovens pegaram em armas como se sempre tivessem sabido fazê-lo. As bandeiras eram costuradas com tudo o que fosse vermelho e branco. A cidade susteve a respiração.

Surabaia estava prestes a explodir. Não apenas de raiva, mas também de recordações. Tudo o que fora reprimido procurava uma saída. As ruas transformaram-se em campos de batalha, as casas em esconderijos e o porto voltou a ser uma porta — desta vez para um futuro incerto. Entre 1930 e 1945, Surabaia foi uma cidade que perdeu a inocência sem alguma vez ter sido verdadeiramente ingénua. Uma cidade que aprendeu que o fogo não serve apenas para destruir, mas também para purificar.

Quando o Japão capitulou, em agosto de 1945, Surabaia era um barril de pólvora. O poder encontrava-se nas ruas. Os jovens pegaram em armas, as bandeiras foram hasteadas e as antigas estruturas desmoronaram-se definitivamente.

Seguiram-se o caos e a luta. Era o início de uma nova fase, durante a qual Surabaia se transformou num *símbolo de resistência e revolução*.

Entre 1930 e 1945, Surabaia não foi uma cidade comum.

Foi um *cadinho de segurança colonial, raiva reprimida, trauma de guerra e liberdade nascente*.

Uma cidade que viveu tudo e nunca mais voltou a ser a mesma.